

**REVISTA**  
**PORTUGUESA**  
**de HISTÓRIA**

**tomo XXX**



**COIMBRA 1995**  
**FACULDADE de LETRAS**  
**da UNIVERSIDADE de COIMBRA**  
**INSTITUTO de HISTÓRIA ECONÓMICA e SOCIAL**

**DOUTOR SALVADOR DIAS ARNAUT**  
**(1913-1995)**

*João Lourenço Roque*

A 8 de Julho de 1995 faleceu o Doutor Salvador Dias Amaut. Inesperadamente nos deixou, em silenciosa manhã de inesquecível, magoada e indizível tristeza.

Recordá-lo é recriar a sensível ilusão de um diálogo que permanece, apesar de definitivamente interrompido, peregrinando no silêncio de conversas antigas e de memórias partilhadas, coligindo e revivendo lembranças e afectos, aquém e além do pensamento.

Recordá-lo, na confluência de emoções, razões e sentimentos. Humanamente, uma confissão de profunda e indelével saudade. Saudade de um Mestre e de um Amigo. Saudade de mim próprio, na solidão de imaginários percursos, ora sombrios e confusos.

Há meses que partiu. Na quietude da Couraça de Lisboa e nas colinas da cidade se guarda o segredo dos seus passos. Vive ainda e sempre, entre os que o amavam e admiravam e que procuram nortear-se pelo seu exemplo de dignidade humana e intelectual.

Recordá-lo deveria ser preito de homenagem, evocando um

homem excepcional. Mas onde as palavras que em vão procuro? Tantos silêncios e mágoas em mim ecoam... Ainda assim, singelamente intentarei delinear e reflectir o meu testemunho pessoal. Palavras ditas e por dizer.

O Doutor Salvador Manuel Dias dos Santos Amaut nasceu na localidade do Pastor (concelho de Penela), em 25 de Outubro de 1913. Coimbra o encantaria e prenderia, mas sem nunca esquecer a terra natal.

Filho e neto de farmacêuticos, não surpreende a sua inclinação pela medicina, tendo-se licenciado em 1940. Mas já então revelava também grande interesse pela literatura, pela história e pela filosofia. A par do exercício da medicina—por terras de Penela (confrontando-se com o sofrimento e as preocupações das gentes humildes) e depois na cidade do Mondego —, foi crescendo o seu enlevo pelas humanidades e pela investigação histórica. Frequentou o curso de Ciências Históricas e Filosóficas, da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, onde se licenciou em 1951, com 18 valores, e se doutorou em História, em 1960, com 19 valores.

Tão rica e multifacetada formação universitária e profissional (de pendor humanista e humanizante) terá marcado indelevelmente o seu magistério e o seu perfil humano ímpar.

Ao serviço da Faculdade de Letras desde 1952, o Doutor Salvador Dias Amaut distinguiu-se como docente e investigador de grandes méritos.

Influenciou e impressionou gerações sucessivas de estudantes, fazendo da Escola um espaço privilegiado de comunicação e de diálogo. Regeu um variado leque de disciplinas, algumas delas de enorme frequência, destinadas a alunos de diversas licenciaturas.

Abriu novos caminhos e territórios na investigação científica e na cultura. A sua vasta bibliografia inclui largas dezenas de títulos.

Interessou-se pela história na sua totalidade, mas dedicou-se especialmente à História da Idade Média (nas suas vertentes

política e social), pesquisando e esclarecendo múltiplos temas e problemáticas.

O Doutor Salvador Dias Arnaut era um historiador probo, erudito, apaixonado, na procura do passado e da vida. Com rara intuição interrogou miuda e demoradamente os documentos. Percorreu milhares e milhares, perguntando-lhes pelas terras, pelos homens, pelas suas marcas no tempo e no espaço. Apaixonou-se por algumas figuras e certas regiões. Deteve-se com grande entusiasmo e argúcia sobre determinadas conjunturas. O período conturbado dos finais do reinado femandino e dos possíveis sucessores na crise aberta pela morte daquele monarca foi com admirável intuição e extremo rigor analisado na sua tese de doutoramento e jamais D. Fernando, os infantes D. João e D. Dinis ou o mestre de Avis deixaram de ser objecto da sua atenção.

No âmbito das suas pesquisas e reflexões sobre a crise do século XIV, não se confinou aos grandes acontecimentos. Tentou entender como se concebia então a acção militar, a paz, a guerra, a batalha; quais os instrumentos de guerra, os divertimentos, a ideia que os homens da guerra faziam da morte.

A fina sensibilidade do historiador transbordava, porém, quando a sua pena esboçava o perfil de Inès e dolente se arrastava na descrição dos seus amores infelizes com D. Pedro, nas serenas, trágicas e poéticas paisagens do rio Mondego. A recriação era então vivência, sempre consciente de que só à luz da época se podiam interpretar os acontecimentos, os homens, os seus quereres e sentires.

A História que construiu é uma história viva, da qual quase nos sentimos espectadores. Uma história humanizada, fonte de humanização. Na constante procura do homem como um todo. Tentou frequentemente penetrar não apenas no quotidiano das suas personagens, mas apreender-lhes mesmo o carácter, alguns sentimentos, a própria imagem física, o rosto.

Humano, mas igualmente telúrico, o Doutor Salvador Dias Amaut amou a região da Ladeia, a sua Penela, o seu Germanelo. Conhecia-lhes a terra árida ou humosa, as pedras e os seixos, as ervas de Santa Maria e as plantas, os centros nevrálgicos ou os lugares mais recônditos. Conhecia enfim os homens que a habitavam, lavravam os campos, cuidavam dos animais e lhes davam vida.

Na paisagem rude, misteriosa e extasiante do Germanelo, tantas vezes se "refugiou". A partir de pequenos símbolos e achados, quantas indagações sobre a história local... No fascínio de múltiplos ecos, silêncios e horizontes, quantas reflexões interiores sobre o sentido da vida. Tantos caminhos num só caminho...

O seu apego à história local e regional mais sublinhava os valores pátrios da identidade nacional.

Historiador sensível e "imaginativo", homem de cultura e de grande sensibilidade. Profundamente receptivo aos valores estéticos, interiorizava e visualizava a paisagem como obra de arte e objecto de investigação. Cenários de história, de vida e de inspiração. Tonalidades de luz e cor. Sinfonia de sons e imagens. Poesia. Poemas seus, que intimamente declamava em círculos de amigos. Viagens, por dentro.

O Doutor Salvador Dias Amaut manteve o gosto e apego à docência e à investigação até aos últimos momentos da sua vida. No 1.º volume da *História da Universidade* (em vias de publicação), hão-de constar algumas das últimas páginas que escreveu, curiosamente, qual "regresso às origens", num artigo sobre a Medicina, no âmbito do saber universitário medieval.

Professor e historiador emérito, por outras vias mais prestigiou e nobilitou a instituição universitária, cujos problemas e aspirações nunca lhe foram indiferentes. Foi membro do Senado da Universidade, subdirector da Faculdade de Letras de 1971 a 1974, presidente da Comissão Científica do Grupo de História (durante vários anos),

responsável pelo Instituto de Paleografia e Diplomática de 1978 a 1983, director do Instituto de Estudos Ultramarinos desde 1965 até à jubilação em 1984.

Para ele—e com ele—a vida universitária significava dedicação, "sentido de Escola" (uma Escola de mestres e discípulos), comunidade de interesses e objectivos essenciais (congregando professores, estudantes e funcionários), pluralismo de ideias e valores, heranças e tradições académicas e culturais, cidade e universidade. Passado e futuro.

O Doutor Salvador Dias Amaut assumiu na plenitude a condição de universitário e de homem. Amava apaixonadamente a Universidade, a Faculdade de Letras, o Grupo de História. Mesmo quando tão injustamente tratado.

Amava apaixonadamente Coimbra, que ora se escondia ora se mostrava. Coimbra do passado, de Inês de Castro, da Rainha Santa, de António Nobre, de Antero de Quental, de Eugênio de Castro. E do presente. Coimbra sempre, quase "irreal" e humanizada. Vivia e contava-nos Coimbra como ninguém: pequenos e grandes episódios em cenários e simbologias de ontem e de hoje, por vezes "intemporais"; as pessoas sempre...

Amava a Alta, com seus mistérios longínquos ou próximos, e o Botânico outonal ou primaveril. Poeticamente.

A partir da "doce colina", encaminhava seus passos e recordações para as saudosas "lonjuras" de Celas e de Santo António dos Olivais, envolvido de azuis distâncias. Evocação de romarias, conflitos, devoções, amores e devaneios. Quietude e contemplação. Nostalgias. Meditação.

No regresso à "acrópole", sempre a Universidade. E em seu redor — no dédalo de ruas, ruelas e destinos —, tantas vivências e reflexões por itinerários de enigmáticas toponímias, que Eugênio de Castro evocou num lindo soneto ("Palácios Confusos") que o Doutor Amaut tanto gostava de recitar:

"Na minha doce Coimbra, a sul virado,  
Dominando o Mondego e os seus salgueiros,  
Há um bairro de humildes pardieiros,  
Que *Palácios Confusos* é chamado.

Tão belo nome evoca no passado  
Rica chusma de paços altaneiros  
Com torres, grimpas, varandins ligeiros  
E flâmulas a arder no céu lavado.

O tempo voador, que tudo come,  
De tais riquezas só poupou o nome;  
Tudo ali hoje é pobre, velho e estreito,

Sem um vislumbre do esplendor extinto!  
Ó *Palácios Confusos*, também sinto  
Uns *Palácios Confusos* no meu peito!"

Poesia, poesias, que muito apreciava. Ele próprio poeta intimista (recorde-se). Prosador fluente e sugestivo. E admirável narrador de episódios guardados na sua memória até ao mais ínfimo pormenor. Narrador de palavras e gestos.

Volvendo à historiografia, com amor nos contava as histórias das terras e gentes, porque mais do que o historiador que deixou obra escrita, o Doutor Salvador Dias Amaut era o historiador pela palavra dita. Ensinava, aconselhava, advertia, interligava e relativizava o conhecimento e sempre das suas palavras emergia o humano vivendo do passado ou encamando o presente. No médico e historiador, a plena formação e a acabada sensibilidade para evocar os homens de outrora, para compreender e ajudar os homens do presente. A vida adentro da história, a história adentro da vida.

Dotado de excepcionais qualidades humanas, o Doutor Salvador Dias Arnaut encantava e emocionava. Num mundo progressivamente "desumanizado", afirmou-se e distinguiu-se sempre como um verdadeiro humanista e um "novo franciscano". Simples, caloroso, austero. Amante da natureza e dos animais, particularmente dos cães, seus companheiros de tantos passeios e encontros.

Homem de princípios e de valores. De convicções profundas, mas compreensivo e respeitador de todos, sem cuidar de origens, estatutos sociais e ideologias. Para ele, só as pessoas — e todas as pessoas — contavam: nos seus problemas, anseios, sentimentos. Com ele, a vida significava amor, simplicidade, entrega, generosidade, tolerância, amizade, solidariedade, humanismo, universalismo.

Assumiu e legou-nos uma "filosofia de vida" e uma "filosofia da história" centrada na dimensão humana, afectiva e espiritual da existência terrena. Interrogando-se... e interrogando-nos. Apaixonadamente. Serenamente.

Faleceu em 8 de Julho. Num quarto do hospital. Tão perto e tão longe da sua Couraça de Lisboa. Tão perto e tão longe de nós. A sua morte entristeceu e empobreceu dramaticamente a Faculdade de Letras.

Morte chorada no silêncio ou no grito de palavras dispersas. E nas lágrimas que desprendemos ou ocultámos.

Emergem e perpetuam-se mágoas e lembranças. Para sempre, se sempre existisse. Ninguém esquece o Mestre, o Amigo, — Amigo único, o Conselheiro, o Contador de histórias que era o Doutor Salvador Dias Arnaut e porque como Homem e Historiador o foi por inteiro, a sua memória perpetuar-se-á nos anais da história, mais fundo ainda no coração dos seus discípulos e colegas.

Deixou-nos em definitivo. Sem ele, tão estranhos e vazios os corredores da nossa Faculdade. Tão sombrio, o 3.º piso. Ausências



e saudades de um rosto, de um sorriso, de tantas palavras ditas e por dizer. Com ele, intimamente uma parte de nós próprios morreu também. De Coimbra ao Germanelo, o eterno retomo do pensamento.

Honremos a sua memória. Continuemos a sua obra e exemplo. Num sentir profundamente interiorizado, mantendo-nos sempre discípulos do "nosso" Doutor Amaut. E, enfim, no imorredouro laço do aprender e ensinar sabendo ser a memória e a ponte para os que depois de nós hão-de vir.